



## PROJETO DE TRADUÇÃO: EXCERTO DE *THE YEARS*, DE VIRGINIA WOOLF

### TRANSLATION PROJECT: EXCERPT OF VIRGINIA WOOLF'S *THE YEARS*.

Márcia Moura da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma proposta de tradução de um excerto da obra *The Years*, da escritora inglesa Virginia Woolf, elaborada a partir de um projeto de tradução e discutida com base em conceitos da área dos Estudos da Tradução, sobretudo nos dos autores funcionalistas Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.

**Palavras-chave:** Projeto de Tradução, Funcionalismo, Virginia Woolf.

**Abstract:** This paper presents a Portuguese translation proposal for an excerpt of Virginia Woolf's *The Years*, which has been developed from a translation project and discussed in the light of concepts within Translation Studies, mainly those by functionalist authors Katharina Reiss, Hans Vermeer and Christiane Nord.

**Keywords:** Translation Project, Functionalism, Virginia Woolf.

### Introdução

A tradução aqui proposta nasceu de um exercício em prática de tradução, tendo sido elaborada com base em aulas ministradas pelo professor Markus Weininger<sup>2</sup>, em literatura na área dos Estudos da Tradução (ET) e na minha própria experiência como tradutora.

O texto em língua inglesa, um excerto do romance *The Years*, da escritora inglesa Virginia Woolf, publicado em 1937, encontra-se no anexo do presente artigo, sendo ele o único texto considerado para a tradução. Assim, não se considerou a possibilidade da proposta de tradução aqui apresentada ser factível para o texto original na íntegra.

Com o respaldo de vozes dentro dos ET, o presente artigo tem por finalidade comentar as decisões tradutórias que me levaram à produção do texto apresentado no item

---

<sup>1</sup> Márcia Moura da Silva é doutoranda do curso de Pós-Graduação dos Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marciamouras@hotmail.com.

<sup>2</sup> Markus J. Weininger é doutor em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Ciências Políticas pela Ludwig Maximilian Universität, na Alemanha, e atua como professor no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.



4 abaixo, partindo do projeto de tradução. Conquanto não se objetive comentar a tradução tomando unicamente como base as teorias funcionalistas, é importante salientar que o próprio conceito de projeto de tradução é deveras central ao funcionalismo. Assim, eu apresento na próxima seção alguns princípios funcionalistas, pois eles servem para elucidar, de uma forma bastante generalizada, algumas das escolhas que fiz em relação às estratégias de tradução. A essa seção (1) se seguem: 2) Análise do Texto de Partida; 3) Projeto de Tradução; 4) Tradução e 5) Decisões Tradutórias, e conclusão.

## 1. Princípios Básicos do Funcionalismo

Devido à restrição de espaço, não é possível incluir aqui todos os aspectos relevantes das teorias funcionalistas. Desta forma, buscou-se somente dar um rápido apanhado de alguns princípios das mesmas com base nos conceitos de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer (1978, 1983) e Christiane Nord (1997), apresentados no trabalho de Nord, *Translating as a Purposeful Activity* (2001), e na dissertação de mestrado de Alice Leal, *Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: Quatro Projetos para a Tradução de The Years, de Virginia Woolf* (2007).

O funcionalismo como é apresentado no trabalho de Nord é baseado em teorias funcionalistas antecessoras, sobretudo na *Skopostheorie* de Vermeer, que por sua vez se baseia em conceitos defendidos por Reiss, que fora sua professora. O modelo funcionalista de Nord é destinado principalmente à formação de tradutores e à aplicação no processo tradutório em si.

O objeto de pesquisa da dissertação de Leal é a aplicação do funcionalismo alemão à tradução literária. A autora apresenta quatro projetos distintos de tradução usando dois excertos do *The Years*, sendo um deles o excerto para o qual proponho minha própria tradução no presente artigo.

Como aponta Leal (2007, p.10) ao se referir à tradução literária, o tradutor está exposto a inúmeras dicotomias tradutórias, tais como estrangeirização vs. domesticação; tradução fiel vs. tradução livre; tradução do conteúdo vs. tradução da forma, entre outras, e se vê impelido a adotar uma postura tradutória diante de todos os encargos de tradução que recebe. Para a autora, seria difícil escolher uma única postura devido à grande vastidão do campo da tradução literária. Apoiada nas teorias funcionalistas de Vermeer, Reiss e Nord,



ela sugere que essa vastidão se deve em parte aos inúmeros projetos editoriais possíveis de tradução de uma mesma obra. Sendo, desta forma, natural que posturas e estratégias tradutórias sejam associadas aos contextos<sup>3</sup> específicos de cada encargo de tradução. É baseado nesses contextos que o tradutor adotaria a postura e estratégias mais adequadas a um encargo de tradução específico.

De acordo com a *Skopostheorie*<sup>4</sup> de Vermeer, como apresentada em Nord (2001, p. 10), o princípio primeiro na determinação de qualquer processo tradutório é o propósito da ação tradutória como um todo, sendo que, para ele, a tradução é um tipo de ação humana. Ele define essa ação humana como “intentional, purposeful behaviour that takes place in a given situation; it is part of the situation at the same time as it modifies the situation.” Ele vai além ao apontar que “since situations are embedded in cultures any evaluation of a particular situation... depends on the status it has in a particular culture system”.

Nord (idem, p. 27) nos lembra que, ao falar em intencionalidade, Vermeer pressupõe liberdade de escolha entre, pelo menos, duas possíveis formas de comportamento, sendo que uma seria considerada mais apropriada que a outra na obtenção de um determinado propósito. Ademais, ao falar em “culture system”, como aponta Leal (2007, p. 25), Vermeer vai além do aspecto lingüístico na tradução, sugerindo uma teoria que “abranja as particularidades dos sistemas culturais envolvidos no processo tradutório”.

O autor define a palavra *skopo* como um termo técnico para objetivo ou propósito de uma tradução e aponta que uma ação leva a um resultado, uma situação nova ou um objeto novo, por isso, segundo Nord (2001, p. 12), a designação da *Skopostheorie* como uma “theory of purposeful action”.

A autora indica ainda que dentro da *Skopostheorie* um dos fatores mais importantes que determinam o propósito de uma tradução é o receptor do texto de chegada com seu conhecimento de mundo e cultural específico. Toda tradução é, ela continua, intencionalmente direcionada a um receptor, ou audiência, visto que traduzir significa “to

---

<sup>3</sup> Tais contextos forneceriam informações como propósito comunicativo que a tradução desempenharia na cultura de chegada; prováveis receptores; tipo de edição onde tradução apareceria, etc.

<sup>4</sup> Termo originário do grego *skopos*, que significa “propósito”



produce a text in target setting for a target purpose and target addressees in target circumstances”.

Em relação ao texto de partida, Nord (2001, p. 12) aponta que enquanto para Reiss, ele é “the measure of all things”, para Vermeer ele não é mais que uma “oferta de informação”, sendo que a tradução seria uma segunda “oferta de informação”. É importante salientar, contudo, que dependendo do *skopos* da tradução, pode-se produzir, inclusive, uma tradução literal.

Nord, como menciona Leal (2007, p. 32), salienta que a função do texto de chegada “não pode ser determinada de acordo com a análise do texto de partida. Em vez disso, ela propõe que a função do texto de chegada seja pragmaticamente definida pelo propósito do texto de chegada na comunicação intercultural”. A teórica, continua Leal, vê o tradutor como um produtor textual que adota as intenções do emissor do texto de partida para produzir um instrumento comunicativo para a cultura de chegada. Em relação aos leitores de chegada, Nord afirma que a recepção do texto depende das expectativas, do conhecimento de mundo e das necessidades comunicativas desses receptores. Além disso, visto ser o texto apenas uma oferta de informação, a teórica salienta que o mesmo deve ser considerado como um ato comunicativo provisório, que somente se completa no momento da recepção.

Uma das grandes críticas ao funcionalismo feita por tradutores literários ou estudiosos de literatura com interesse em tradução é sua não-aplicabilidade à tradução literária (Nord, 2001, p.120). Tais críticas advêm principalmente a) da crença de que não existe um “propósito” em textos literários e suas traduções; b) de se assumir um sentido menos amplo de tradução propriamente dita e c) da ênfase no status autoritário do texto de partida em tradução literária. A teórica aponta que normalmente a crítica aceita o funcionalismo para outros tipos de textos, para os quais se consideram diversas estratégias tradutórias, como substituições, paráfrases, omissões, adições, ou qualquer outra mudança que ajude a compreensão ou aceitabilidade do texto de chegada. Contudo, o texto de partida literário parece ter um status diferente dos demais. A autora aproveita para rebater seus críticos em relação ao status do texto de partida, citando uma das vozes do lado descritivo dos ET, Theo Hermans:



Taking the supremacy of the original for granted from the start the study of translation then serves merely to demonstrate the original's outstanding qualities by highlighting the errors and inadequacies of any number of translations of it. The outcome, needless to say is an invariably source-oriented exercise, which, by constantly holding the original up as an absolute standard and touchstone, becomes repetitive, predictable and prescriptive – the implicit norm being a transcendental and utopian conception of translation as reproducing the original, the whole original and nothing but the original (NORD, 2001, p.120).

O modelo Nord está voltado ao contexto do ato comunicativo que inclui tanto fatores intratextuais como extratextuais. São esses fatores que são sugeridos pela autora à aplicação do funcionalismo à tradução (apud Leal, 2007, p. 33). Os fatores extratextuais incluem o produtor e o emissor do texto e suas intenções, o receptor, o meio através do qual o texto é veiculado, o tempo e o local da comunicação, o motivo para a produção do texto e a função textual. Os fatores intratextuais incluem o estilo, tema e conteúdo do texto, além das pressuposições, hierarquias textuais, macro e micro estrutura, elementos não verbais, léxico, estrutura frasal e fonologia. Para se dar conta das peculiaridades de cada texto, Nord sugere perguntas para cada um desses fatores, de maneira a nortear e vincular as decisões tradutórias uma às outras.

Leal considera a sensação do respaldo tradutório como sendo um dos aspectos mais efetivos do modelo Nord, que deriva, por um lado, das especificações do projeto de tradução e, por outro, “da abrangente e minuciosa rede de relações das características textuais e situacionais que advém do modelo em si, e sua estrutura das perguntas objetivas”. Sendo que:

a noção do projeto ou encargo de tradução, enquanto um esquema detalhado que determina o propósito da tradução, assim como todas as implicações que resultam da provável recepção do texto de chegada, reduzem o leque de opções tradutórias, otimizando o trabalho do tradutor e justificando grande parte das suas escolhas. Ademais, para além do âmbito do projeto de tradução, é preciso considerar ainda que cada decisão tradutória está inserida numa complexa malha de relações, de modo que cada opção parece justificar-se ou excluir-se com base nas escolhas anteriores e posteriores (LEAL, Idem, p. 34).

Uma diferença entre o modelo de Nord e a *Skopostheorie* de Vermeer, como aponta Leal (idem, p. 52) é que enquanto Vermeer vê “intenção” como surgindo do iniciador do processo tradutório, para Nord, “intenção” refere-se tanto à intenção que teria dado





origem ao texto de partida quanto à intenção dos iniciadores do processo tradutório, sendo que tal intenção, de preferência, deveria ser definida no encargo ou projeto de tradução. Ao mesmo tempo que Nord não afirma que a intenção do autor deva ser preservada, essa intenção está relacionada ao conceito de lealdade<sup>5</sup> defendido pela teórica.

Em relação à descrença da crítica de haver realmente alguma intenção comunicativa na produção do texto literário, Nord (apud Leal 2007, p. 56) sustenta que mesmo que o texto tenha sido escrito sem nenhuma intenção ou propósito específico, o emissor do texto tem um público alvo em mente ao produzir seu texto. Sendo que o que distingue um texto literário de um não-literário seria a intenção literária do emissor e a expectativa literária do receptor, que, de acordo com convenções culturais, recebe o texto como sendo literário.

Nord, continua Leal, coloca a intenção do autor como sendo o “princípio orientador das escolhas textuais (ou elementos intratextuais)”. Para a teórica, o tradutor sendo um dos possíveis receptores do texto de partida, faz sua própria leitura do texto, devendo inferir através desses fatores, assim como através de fatores extratextuais, a intenção do autor.

## 2. Análise do Texto de Partida

Como meu projeto de tradução inclui estratégias que vão desde à tradução literal à substituição de grande parte do texto, escolhi um “meio-termo” entre alguns conceitos dentro das teorias funcionalistas para elucidar minhas decisões tradutórias. Embora, como quer Vermeer, o texto de partida me serviu como uma “oferta de informação”, sigo a sugestão de Nord ao que se refere à análise desse texto, pois ela serve para mostrar mais claramente o que foi aproveitado e o que foi rejeitado do texto de partida quando da elaboração de meu projeto.

Para esta análise, empresto alguns dos elementos da análise feita por Leal (2007, p. 77), que apresenta uma análise abrangente do romance, que inclui detalhes que vão desde os prováveis receptores do texto original até a análise micro-textual dos excertos analisados.

---

<sup>5</sup> A autora define lealdade (loyalty) como sendo “the responsibility translators have toward their partners in translational interaction. Loyalty commits the translator bilaterally to the source and target sides, taking account of the difference between culture-specific concepts of translation prevailing in the two cultures involved (Nord [1997] 2001:140).



Para efeitos deste artigo, apenas o excerto em questão será analisado, sendo que alguns poucos elementos de cunho mais geral serão mencionados.

Leal (idem, p. 78), seguindo os preceitos de Nord, divide os fatores extratextuais em:

- a. **emissor:** a autora aponta que a própria autora seria a emissora;
- b. **prováveis receptores:** seriam leitores adultos de língua inglesa (incluindo leitores americanos);
- c. **meio:** o livro foi publicado pela primeira vez em 1937 pela Hogarth Press, oferecido aos leitores como um texto literário, e aceito pelos mesmos como tal;
- d. **tempo e local de comunicação:** romance publicado e ambientado na Inglaterra. Leal (idem, p. 80) aponta que o conhecimento sobre a estrutura da cidade foi pressuposto pela autora. Ela sugere que é provável que essas referências espaciais (a loja *Whiteley's*; o oeste e leste da cidade (*West and East End*); as áreas de *Piccadilly*, *Hyde Park*, *St Jame's*, *Marble Arch*, os bairros de *Bermondsey* e *Hoxton* e a *Apsley House*, o *Round Pound* e a *Serpentine*) fossem de conhecimento geral dos habitantes da cidade na época da publicação do romance, mas que para o leitor inglês de hoje, essas referências já não seriam tão prontamente identificáveis. Tanto que a autora aponta que a edição (2002) com a qual trabalhou inclui notas explicativas e um mapa da cidade de Londres do final do século XIX. A autora acrescenta que o mesmo se daria com o tempo da comunicação (a narrativa cobre o período de 1880 a 1937), sendo que certas referências seriam de conhecimento geral dos leitores da época da publicação, mas que o mesmo não aconteceria com leitores atuais.

Os aspectos intratextuais são divididos em:

- a. **assunto:** No excerto em questão, Virginia Woolf lança um olhar sobre a sociedade inglesa, ali representada pela cidade de Londres e seus habitantes, no ano de 1880;
- b. **conteúdo:** para Leal, “o modelo de realidade adotado (criado) por Woolf não apresenta conflitos quando comparado à sociedade utilizada como inspiração” (p. 81). A autora aponta que o conteúdo inclui também as diferentes vozes por meio das quais o texto é narrado;



**c. pressuposições:** as pressuposições possivelmente feitas pela autora se referem sobretudo ao conhecimento prévio por parte de seus leitores dos aspectos extratextuais já mencionados acima, como as referências espaciais e o tempo da comunicação, e também os hábitos e tradições inglesas, como os clubes para cavalheiros; o ritual do preparo de chá; o respeito pela monarquia; a maneira de se trajar dos londrinos e o transporte usado na época. Os contrastes (campo vs. cidade; realeza vs. povo; bairros ricos vs. bairros pobres, etc.) também são numerosos no excerto analisado;

**d. léxico:** os aspectos lexicais que considerei para minha tradução foram i) o registro usado pela autora (linguagem rebuscada); ii) o uso de vários verbos e expressões que indicam movimento, como *changing, sent, flying over, looking at, were opened, shut, handed, marching, ascending, searchlights*; iii) palavras que denotam repetição ou perenidade, como *interminable processions; stream... was incessant; slowly wheeling, etc.*;

**e. estrutura frasal:** considerei somente a predominância de frases longas;

**f. aspectos supra-segmentais:** seriam aqueles aspectos referentes à entonação, ao uso de recursos poéticos. Esses aspectos não foram conscientemente considerados na elaboração da tradução aqui apresentada.

### 3. Projeto de Tradução

Quando o texto me foi apresentado em sala de aula, pensei na Londres onde vivi por muitos anos e que me é bem familiar. Imediatamente considerei uma “atualização” do texto que refletisse a situação descrita pela autora, mas que estivesse acontecendo agora. Quando finalmente preparei um projeto de tradução, acabei por escolher o ano de 2003, por ter sido o ano que deixei a Inglaterra para voltar para o Brasil, sendo que tal escolha me pareceu bastante pertinente, pois reproduz, em menor escala, a situação vivida pela autora que escreveu o romance em 1937 sobre uma Londres de 1880. Aproveitando-me do conhecimento que tenho da cidade e de seus habitantes, minha intenção foi usar situações que observei enquanto lá morei e que de alguma forma tenham me chamado a atenção no tocante ao seu caráter generalizado.

Como público alvo de minha tradução, tive em mente pessoas interessadas em uma literatura que vai além de bestsellers, e que tenham consciência de estar lendo uma tradução, assim, o estranhamento que marcas culturais pudessem causar no leitor do texto de chegada seria minimizado. O leitor alvo estaria familiarizado com a cultura, seja através





de outras leituras, textos históricos, aulas de inglês, cinema, ou por contato direto com o Reino Unido em geral, e Londres em particular. Conseqüentemente, esse leitor estaria familiarizado também com as marcas culturais, ou se não estivesse, poderia procurar mais informação a respeito das mesmas em outros tipos de textos. Minha intenção primeira foi produzir um texto que o leitor pudesse ligar com a imagem de Londres divulgada em diversos veículos de comunicação de seu meio cultural, ou com sua própria experiência.

O foco de meu projeto foi o uso da estratégia global<sup>6</sup> de transportar o texto do século XIX para o século XXI. Desta maneira, uma tradução literal não estava no topo de minha lista de estratégias, apesar de ter mantido alguns trechos bem próximos ao original (no início e no final). Tal qual a autora que parece mirar a Londres do século XIX com um holofote, tomei a liberdade de fazer o mesmo com a Londres atual, e fazer as mudanças que julguei necessárias.

Outras estratégias globais incluem manter as marcas culturais e os contrastes apresentados pela autora.

O fato de ter mudado o eixo temporal para uma Londres do século XXI, acabou por ditar o rumo das outras estratégias de tradução a usar. Algumas situações foram adaptadas para uma época mais atual, enquanto outras foram omitidas e outras ainda adicionadas para que o texto estivesse mais em conformidade com os nossos dias. Assim, diria que no geral, a mudança temporal implicou em mudanças significativas no conteúdo do texto, pois minha intenção foi proporcionar ao leitor do texto traduzido uma visão panorâmica da cidade de Londres no início do século XXI, pois, apesar de manter muitas características histórico-culturais, Londres é hoje bem diferente da Londres descrita pela autora.

Como as marcas culturais foram mantidas, o resultado foi um texto estrangeirizante, que tentei contra balancear com o uso da estratégia da explicitação<sup>7</sup>, ainda que tenha feito notadamente com marcas culturais que adicionei ao texto traduzido, e não com os que decidi manter.

No plano lingüístico, pela mudança temporal, a língua automaticamente se modernizou, ainda que tenha procurado manter os traços da linguagem rebuscada da

---

<sup>6</sup> Definida em Chesterman (1997, p. 90) como sendo a estratégia que responderia questões como “como traduzir este ou aquele tipo de texto”. Um exemplo dessa estratégia seria a decisão inicial do tradutor em estabelecer a relação entre os textos de partida e chegada, do quão livre ou literal será sua tradução.

<sup>7</sup> Segundo Chesterman (1997, p. 108) a explicitação “refers to the way in which translators add components explicitly in the TT which are only implicit in the ST.”



autora, assim como as frases longas. Os verbos que indicam movimento também foram mantidos.

#### **4. Tradução**

Os Anos

##### **2003**

A primavera estava instável. O clima sempre mudando, mandou nuvens de azul e púrpura sobre a terra. No interior, os fazendeiros, olhando para os campos, estavam apreensíveis; em Londres, os guarda-chuvas eram abertos e fechados por pessoas olhando para o céu. Mas tal clima era de se esperar para o mês de abril. Assim diziam milhares de velhinhas aposentadas onde quer que houvesse alguém disposto a ouvi-las falar do tempo.

No West End, uma interminável procissão de consumidores, turistas perdidos com mapas nas mãos e estudantes estrangeiros povoavam as ruas; e na City, homens de negócio com ternos impecáveis e gravatas espalhafatosas surgiam das saídas do metrô como castores da toca. No bairro de Elephant and Castle, indianos e ingleses de classe baixa se movimentavam num constante ir e vir, sem prestar atenção à paisagem deprimente dos espigões depredados.

A torrente de ônibus vermelhos, táxis, carros e veículos de turismo era incessante, pois era o início da temporada. Nas ruas de Covent Garden, músicos tocavam acordes melancólicos que ecoavam pela cidade até se fundirem com o poderoso barulho vindo do trânsito, das vozes e das eternas britadeiras. Alheios a todo esse movimento, os majestosos falcões protegiam Trafalgar Square da presença das pombas, que incansavelmente tentavam reganhar seu espaço na praça. À tarde, as ruas de Bayswater estavam apinhadas de imigrantes árabes; muitos deles em suas túnicas brancas e turbantes; com mulheres em burcas pretas discretamente saindo da Whiteley carregando coloridas sacolas de compras. Na Pall Mall, surgiu a carruagem imponente da rainha, puxada por dois lindos cavalos, seguida por um cortejo de seguranças em seus carros pretos. A alameda foi tomada pela multidão que acenava entusiasmada para a monarca, tirando fotos, agitando bandeirolas, ou carregando ramalhetes de flores na esperança de entregá-los à rainha. No chão frio da



estação de Charing Cross, mendigos dormiam sem sonhar. Nos porões dos hotéis de luxo ao redor de Piccadilly Circus, refugiados políticos e imigrantes ilegais preparavam o chá das 5. Do porão, o bule de chá de finíssima porcelana inglesa subia, e era levado para a mesa, onde era servido pelas mãos trêmulas de garçonetes do leste europeu.

Quando o sol se pôs, as luzes amareladas dos postes se acenderam automaticamente, deixando, contudo, sombras escuras na calçada. A mistura das luzes e do crepúsculo do sol refletia lindamente nas plácidas águas do Round Pound e da Serpentine. As pessoas que saíam para jantar fora dirigiam com lentidão ao longo da ponte sobre o Tâmis, enquanto admiravam a espetacular silhueta da cidade. Por fim, a lua surgiu prata no céu, e embora encoberta aqui e ali por tufo de nuvens, brilhava serena e severamente, ou talvez com completa indiferença. Lentamente girando como os raios de um holofote, os dias, as semanas, os anos passavam um depois do outro pelo céu.

## 5. Decisões Tradutórias

A partir do propósito de oferecer ao leitor do texto de chegada um texto que lhe fosse contemporâneo, que lhe oferecesse uma certa familiaridade; assim como de manter a mesma verossimilhança do original, o primeiro passo tomado foi trazer algumas situações para uma Londres atual. Desta forma, sempre com o intuito de manter os contrastes apresentados pela autora, optei por situações diferentes, mas que fossem tão contrastantes quanto as apresentadas por ela. Assim, mantive os contrastes entre ricos vs. pobres; realeza vs. povo; *West End* vs. *East End*, entre outros, além de acrescentar elementos sobre a crescente imigração na cidade (*imigrantes árabes, refugiados políticos e imigrantes ilegais e garçonetes do leste europeu*), imigração essa que tem se tornado um dos grandes problemas sociais em Londres hoje em dia, e que causa grandes debates entre a população.

Compensei o fato de ter extraído qualquer menção às roupas típicas usadas na cidade em 1880, mencionando, em outra parte da narrativa, um aspecto do trajar atual do londrino, ou seja, as gravatas usadas por homens de negócio; assim como as vestimentas típicas de imigrantes árabes.

Ainda que tenha mantido algumas marcas culturais (*Piccadilly, West End, Round Pound* e a *Serpentine*), troquei a maioria para marcas mais conhecidas, tanto por moradores da



cidade de Londres quanto por turistas, seja estrangeiros ou de outras partes do Reino Unido (*City; Covent Garden; Trafalgar Square, Pall Mall, Charing Cross*, etc.).

Como já mencionado, para algumas marcas culturais usei a estratégia da explicitação. Assim, *Trafalgar Square* é definida por “praça”; *Covent Garden* e *Bayswater* são antecedidas de “ruas de”, deixando subentendido tratar-se de bairros ou áreas londrinas; a *Pall Mall* foi definida por “alameda”; *Charing Cross*, por estação etc. Vale mencionar que as únicas marcas culturais que possuem uma forma em português, o rio Tâmesa e a própria cidade de Londres, foram usadas nessa língua.

Em lugar das alusões “bucólicas” feitas pela autora em relação a pássaros e ao Hyde Park, dei preferência ao aspecto mais de metrópole vivido por Londres, assim como enfatizei o lado turístico da cidade.

Em relação aos fatores intratextuais, mantive as frases longas do original, assim como os verbos que denotam movimento e as palavras que denotam perenidade (*sempre mudando; interminável procissão; se movimentavam num constante ir e vir; a torrente ... era incessante*, etc.).

Como Virginia Woolf usa uma narrativa mais reflexiva que histórica tanto no começo do primeiro parágrafo quanto no final do último parágrafo, optei por uma tradução quase literal, pois tal estratégia em nada afetou o propósito de minha tradução.

## Conclusão

Se tivesse que escolher um entre muitos dos aspectos das teorias funcionalistas para resumir sua proposta, escolheria dizer que há inúmeras possibilidades de tradução para um único texto. Como Weininger aponta em seu artigo (2009, p. 28), não existe uma tradução correta, uma tradução perfeita. Há, sim, “muitas traduções possíveis e, assim, igualmente “corretas”. Cada decisão tradutória acarreta vantagens e desvantagens específicas, ganhos e perdas, inevitavelmente.” O exercício tradutório aqui exposto foi somente um entre muitos outros projetos elaborados na disciplina de prática de tradução, cada um com seus méritos e resultados variadíssimos. Se olhássemos para o *skopo* de cada um desses projetos, veríamos as particularidade que levaram aos resultados diversos, pois cada tradução seguiu um projeto pessoal.



No meu caso, decidi mudar o eixo temporal de minha tradução para dar maior contemporaneidade ao texto, para aproximá-lo do eixo-temporal do leitor da língua de chegada. Ao fazê-lo, acredito ter oferecido a esse leitor o que, para mim, foi o mesmo oferecido pela autora: a visão de uma cidade em movimento, uma cidade de contrastes, de um sistema claramente hierárquico. Ratifico com a tradução, que na verdade pouco mudou desde o ano retratado no texto de partida. A cidade cresceu, modernizou-se, mas os pilares sócio-culturais que a sustentam continuam os mesmos.

Dentro do proposto, acredito ter alcançado meus objetivos. Enquanto prática de tradução, a elaboração do texto foi um exercício altamente prazeroso e libertador, pois permitiu-me que, sem desconsiderar o texto de partida, eu pudesse exercer maior controle sobre minhas escolhas sem abrir mão de usar estratégias de tradução legítimas.

## **Anexo 1**

### **The Years, by Virginia Woolf**

1880

It was an uncertain spring. The weather, perpetually changing, sent clouds of blue and of purple flying over the land. In the country farmers, looking at the fields were apprehensive; in London umbrellas were opened and then shut by people looking up at the sky. But in April such weather was to be expected. Thousands of shop assistants made that remark, as they handed neat parcels to ladies in flounced dresses standing on the other side of the counter at Whiteley's and the Army and Navy Stores.

Interminable processions of shoppers in the West end of business man in the East, paraded the pavements, like caravans perpetually marching, -- so it seemed to those who had any reason to pause, say, to post a letter, or at a club window in Piccadilly.

The stream of landaus, victorias and hansom cabs was incessant, for the season was beginning. In the quieter streets musicians doled out their frail and for the most part melancholy pipe of sound, which was echoed, or parodied, here in the trees of Hyde Park,





here in St. James's by the twitter of sparrows and the sudden outbursts of the amorous but intermittent thrush. The pigeons in the squares shuffled in the tree tops, letting fall a twig or two, and crooned over and over again the lullaby that was always interrupted. The gates at the Marble Arch and Apsley House were blocked in the afternoon by ladies in many-coloured dresses wearing bustles and by gentlemen in frock coats carrying canes wearing carnations. Here came the Princess, and as she passed hats were lifted. In the basements of the long avenues of the residential quarters servant girls in cap and apron prepared tea. Deviously ascending from the basement the silver teapot was placed on the table, and virgins and spinters with hands that had staunched the sores of Bermondsey and Hoxton carefully measured out one, two, three, four spoonfuls of tea. When the sun went down a million little gaslights, shaped like the eyes in peacocks' feathers, opened in their glass cages, but nevertheless broad stretches of darkness were left on the pavement. The mixed light of the lamps and the setting sun was reflected equally in the placid waters of the Round Pond and the Serpentine. Diners-out, trotting over the Bridge in hansom cabs, looked for a moment at the charming vista. At length the moon rose and its polished coin, though obscured now and then by wisps of cloud, shone out with serenity, with severity, or perhaps with complete indifference. Slowly wheeling like the rays of a searchlight, the days, the weeks, the years passed one after another across the sky.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Texto Analisado extraído de:

WOOLF, V. [1937]: *The Years*. England, Penguin Books, 2002

Outras Referências

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation: The Spread of Ideas In Translation Theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 2000.

LEAL, A "Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: Quatro Projetos para a Tradução de *The Years*, de Virginia Woolf", 2007.

NORD, C. [1997]: **Translating as a Purposeful Activity – Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.



WEININGER, M. J. “Estrela guia ou utopia inalcançável: uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução”. In. Cardozo, M.M.; Heidemann, W; Weininger, M.J. (org.). A Escola Tradutológica de Leipzig. 1 ed. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 2009, v. 1, p. 19-28.